

Caderno de Asma & Rinite

Número 2 do ano 2005

24ª Edição - Ano VI

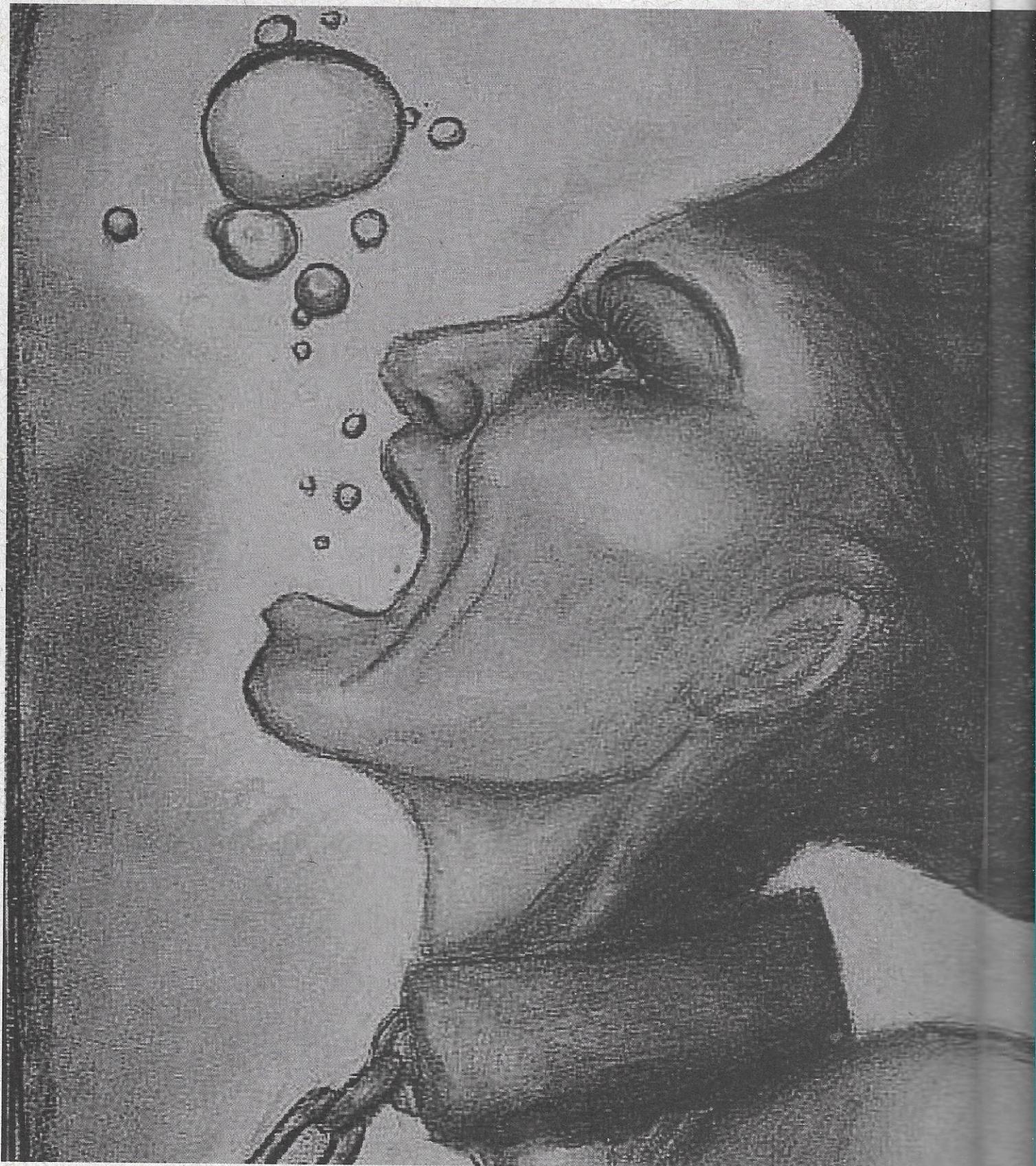


AstraZeneca



RESPIRATÓRIA

Inspirando uma vida melhor



A IDADE E A ASMA

Rubens de Campos Filho*

Nossa autora apresenta um quadro – em que predominam por completo os tons de azul – de uma senhora de idade mediana que ainda padece de problemas respiratórios. Mostra ela em seu trabalho, muito bem elaborado, quase uma tira de história em quadrinhos com traços expressionistas, uma figura que parece, ao contrário de tantos outros asmáticos, ter-se entregado ao ato de não conseguir respirar.

Se nós nos aprofundarmos e nos detivermos um pouco mais sobre a figura desenhada, podemos até mesmo arriscar a dizer que a adolescente norte-americana Crystal, nos seus 18 anos esteve, ao fazer a tela, num momento de desespero e decepção com sua própria vida. E, desse modo, projeta a si mesma na pintura com uma idade avançada, sofrendo do mesmo mal.

Conhecendo a asma e os asmáticos, e sendo um deles, posso com certeza afirmar que esse momento de “depressão”, pelo qual ela passou ao produzir esta obra, sumiu como se fosse por mágica à medida que o ar começou novamente a penetrar em seus pulmões. E nesse alívio, trazendo ainda as recordações da falta do ar, com certeza ela se superou, saiu da crise com mais força, mais garra e mais vontade de viver. O que é uma característica marcante daqueles que possuem uma doença em que momentos de falta de ar fazem com que os instantes em que se pode aspirar este mesmo ar tornem as pessoas mais valentes, mais destemidas e com coragem redobrada para enfrentar a vida.

***Médico psiquiatra, escritor, presidente do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist, e asmático.**

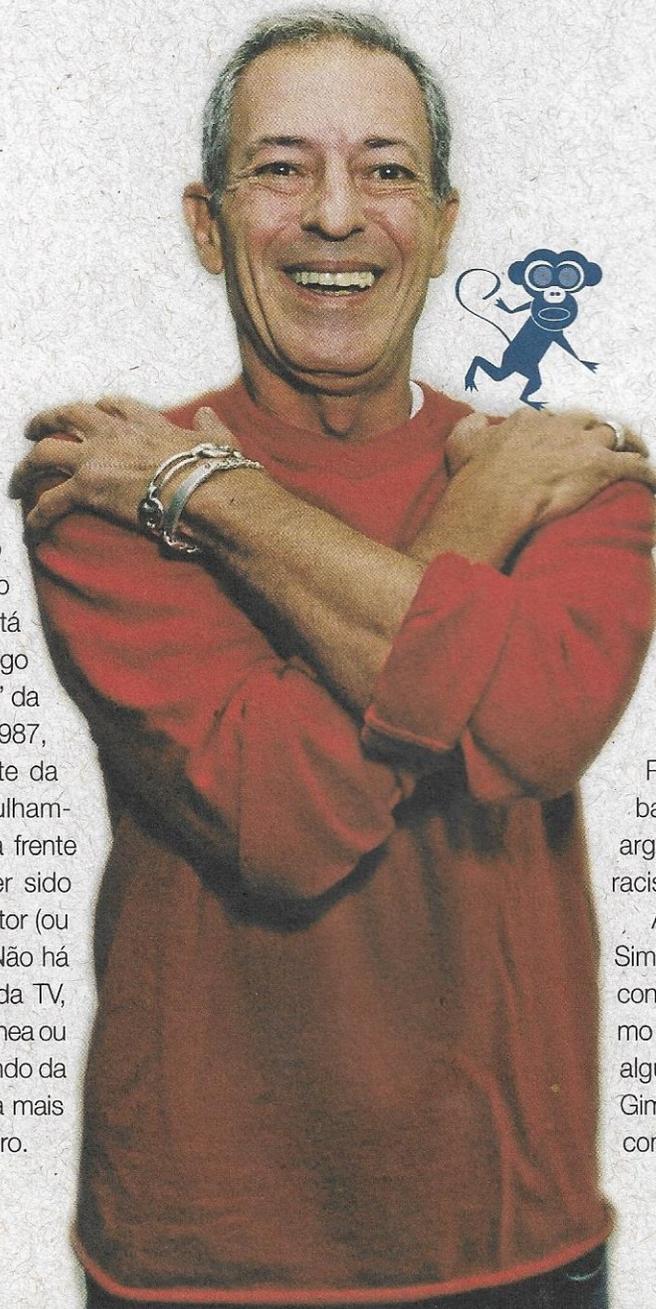
Um incrível domador da asma:

José Simão



ou Macaco Simão, ou melhor, Monkey Simão

Francisco Costa¹ e Rubens de Campos Filho²



Quem não conhece o José Simão? Se você, caro leitor, ou leitora, não conhece o Macaco Simão, não sabe o que está perdendo. Ele está lá, firme, de terça a domingo na sua coluna da "Ilustrada" da *Folha de S. Paulo* (desde 1987, ininterruptamente) e no site da UOL barbarizando e esculhambando tudo o que vê pela frente neste país, que parece ter sido criado para haver um tradutor (ou intérprete) do seu quilate. Não há personalidade da política, da TV, não há celebridade (instantânea ou não), não há craque do mundo da bola, etc., que fuja da pena mais afiada do jornalismo brasileiro.

Fotos: João Cláudio Cole/Office Editora

No momento em que escrevemos ele está de olho, claro, no julgamento do Michael Jackson (o Mika Jaca) e no bronzeado da Deborah Secco na novela "América" ("E a Débora Secco continua marrom, parece um Dan Top. A Nhá Benta da Copenhagen"). Pra não falar do Leandro Desabato, aquele jogador do Quilmes argentino que foi processado por racismo pelo Grafite.

Assunto é o que não falta ao Simão, que não perdoa ninguém e consegue a incrível façanha de, mesmo sendo cruel algumas vezes com alguns desafortunados (a Luciana Gimenez que o diga, a "Lucianta", como ele diz), não atrair desafetos

furibundos – pelo menos, não aparentemente, que ninguém é bobo de bater de frente com ele. Seu excepcional exercício de humor diário atrai legiões de leitores. E deixa registrado seus famosos bordões (“Buemba, buemba, buemba”, “Macaco Simão urgente”, “o esculhambador-geral da República”, “vai indo que eu não vou”, “hoje, só amanhã”, “ai, minha santa periquita do bigode louro”, “quem fica parado é poste”, “vou passar o meu colírio alucinógeno”).

Pois é, o José Simão também sofreu de asma (e sofre de rinite, sinusite e celulite, segundo ele). E a forma como ele encara a enfermidade é fantástica e profundamente reflexiva. Pensamos em entrevistá-lo já há algum tempo e o que era pra ser uma entrevista por e-mail acabou sendo uma peripécia. Ele topou conceder a entrevista e desde o princípio foi claro (“além de ocupado, sou preguiçoso, rarará”). Mandamos as perguntas e ficamos torcendo para ele responder na data (como toda publicação esta também tem seu *deadline*).

Na noite do último dia chegou o seguinte: “Acabei de chegar da UOL, vou escrever a coluna do domingo e depois vou pra entrevista, ainda nem li as perguntas. Avisei vocês que meu tempo é sufocante. Macaco sofre! Abraço, Monkey Simão”. Pelo pique, nada mau para um sujeito de 60 anos.

Pois bem, as perguntas que enviamos foram estas:

1) Em que época de sua vida você começou a sofrer de asma? Ela persiste até hoje? 2) Como foi sua convivência com a enfermidade, você se defendia da asma ou se entregava a ela? 3) A asma teve (tem) a ver com seu aguçado senso de humor? 4) A asma influenciou na sua atividade de escritor e no seu jornalismo de crítica de costumes? 5) Você goza todo mundo nos seus textos, inclusive a si mesmo. Como surgiu isso em você? 6) Você faz uma sátira dos costumes – política, futebol, TV, etc. – de alto nível há vários anos. Qual é o segredo? 7) Você tem muitos amigos. A asma fez com que você tivesse uma abertura maior para o seu círculo social, ela foi importante nisso? 8) Que medicamento você tomava quando tinha as suas crises? 9) Você acha que este país tem futuro ou simplesmente vivemos num eterno presente achando que há luz no fim do túnel? Isto é, há túnel?

Bom, isso foi o que mandamos. Mas o Simão, como se sabe, é anárquico e simplesmente disse o seguinte: “Aí vai o começo, eu acho que prefiro dar um depoimento por inteiro e aí vocês vêem o que fazem. Daqui a pouco

mando mais!” O texto chegou, ao seu estilo, de forma caótica em vários e-mails, mas cobre, de maneira geral, as questões que formulamos, com o inconfundível traço de humor que lhe é peculiar. Assim, aí vai o depoimento desse formidável jornalista:

“Eu acho que já nasci com asma. Eu era muito menino e já era asmático, óculos fundo de garrafa e cabelo parecendo um pagode chinês! Persistiu até os 13 anos, quando minha família se mudou para uma casa perto do Parque do Ibirapuera, isso nos anos 60. Eu não me defendia da asma. Me defendiam da asma! Não podia jogar bola, não podia sair sem agasalho e o resultado foi que, durante uma época, fiquei muito mimado e insuportável. Se meu pai e meu irmão não me levassem junto para o estádio para ver o São Paulo jogar, eu armava um berreiro. Enfim, sem poder brincar, eu ficava em casa lendo. Aos dez anos eu já lia Proust, Eça de Queiroz e outros. Ou seja, influenciou a minha carreira de jornalista, sim! Hoje tenho rinite, sinusite (e celulite), que só passam quando vou pra Bahia!!!

A asma tem a ver com o meu senso de humor e fez com que eu tivesse muitos amigos, porque asmáticos se tornam pessoas interessantes (eu digo os outros asmáticos, eu não, porque sou modesto), ansiosas, curiosas, inquietas. A luta pelo ar é fundamental!! Dá uma ânsia por viver! Eu vi Cacilda Becker interpretando no palco e era uma coisa INTENSA, asmática mesmo!

Eu gozo todo mundo na coluna, inclusive a mim mesmo, porque como já dizia Oswald de Andrade: quem não sabe se esculhambar, não pode esculhambar os outros.

[Sobre os medicamentos com que tratava a asma] “Tomava cortisona! E quando tinha ataques fortes meu pai me punha no carro e me levava pra Santos! Melhorava muito! O ar puro marinho é o melhor remédio! Por isso que eu comprei um apartamento em Salvador: sol e mar! Passa tudo quanto é ITE!”

[E finalmente] “Sinceramente, eu não sei se o Brasil tem futuro. Eu só sei que não consigo viver sem o Brasil! Se a Folha me mandasse como correspondente em Nova York ou Paris, para mim não seria um prêmio, seria um castigo! Não consigo viver longe do Brasil!”

Vida longa ao Macaco Simão!

1 - Jornalista, editor da Revista USP.

2 - Médico psiquiatra, escritor, presidente do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist, e asmático.